

EDITORIAL

O INTEMPORAL NO TEMPO

Gabriel Marcel dizia ser, um **problema**, algo que nos corta o passo e nos desafia, sendo no entanto passível de equacionamento e solução. Já um **mistério**, pensava o existencialista francês, jamais pode ser equacionado ou resolvido, levando-nos para regiões de silêncio e cegueira nas quais só vige uma íntima e intuitiva contemplação.

Eis porque não devemos mencionar o **problema da arte**, pois que esta não é essencialmente problemática mas sim misteriosa. As mesmas razões pelas quais não devemos mencionar, como tema de abordagem, o “problema da morte” ou “o problema da vida”. Cabe razão a Marcel: essas coisas não são problemas; são mistérios.

Ora, o mistério é uma estrutura montada de paradoxos radicais. Uma estrutura na qual os impossíveis se enlaçam, os desencontros se encontram e, súbito, vemo-nos em clima de ardor glacial, da fascinação repelente ou de sorridente pranto. O mistério é um pastor de humildades, sendo no entanto experiência de grandiosidade.

Dentre os muitos paradoxos que constituem a arte, há um que intriga mais aos filósofos. E este consiste em que, sendo a arte filha das épocas e tendo existência no tempo, mostre-se ela e se institua como algo transtemporal e, mais radicalmente, intemporal. Ora, é um quase nada o que sabemos com segurança dos anos em que viveu Safo; no entanto, quem deixa de se abalar à última fibra de sua sensibilidade ao ler:

“O Amor agita meu espírito
como se fosse um vendaval
a desabar sobre os carvalhos”.

O tempo é o próprio tecido da existência, como afirmou Heidegger. Todavia, o tempo que possibilitou a Thomas Mann a composição de sua insuperável **Montanha Mágica**, ou o tempo que soltou em Villa Lobos ou Portinari as amarras do europeísmo obsessivo, transformando suas obras em fugurações de Brasil — todos esses tempos não logram cir-

cunscrever ou limitar a transfiguração da dor em arte. O tempo tece a arte, e esta o transcende.

Com estas simples ponderações, já se pode deixar relativamente clara a boa oportunidade de que se utiliza a revista **Reflexão** para trazer contribuições ao debate de seus leitores sobre as questões ligadas ao binômio ARTE e TEMPO.

Para tanto, fica de todo aconselhável que questões ligadas à linguagem e à consciência mítica sejam trazidas ao cerne do mais sutil e elevado processo de simbolização: a arte.

Vozes brasileiras, gregas, chilenas e do velho e sempre renovado Portugal, muitas vozes de muitas partes foram aqui convocadas a prestar variado contributo. E, como sempre ocorre na filosofia de existência da revista **Reflexão**, seu interesse está muito mais em abrir debates, em iluminar áreas insuspeitas de reflexão, do que em oferecer tediosa lista de respostas prontas a perguntas que nem sabemos se foram feitas.

Valha este espaço aberto para o tempo do intemporal. E honra seja reconhecida aos autores que, de forma generosa, trazem a este número de nossa revista as suas mais caras reflexões.

A Redação